

Malan e Denzel no Senado

MIRIAM LEITÃO

Na longa exposição sobre o ajuste fiscal feita no Senado, quinta-feira, o ministro Pedro Malan admitiu uma falha: não viu o filme "Filadélfia", com Tom Hanks e Denzel Washington. É uma pena, porque é filme de rara sensibilidade. Nele, belo e charmoso, o advogado vivido por Denzel Washington repete como um bordão a frase: "Me explique como se eu tivesse 6 anos." Mas o filme trata de um tema inexplicável: o preconceito.

O senador José Eduardo Dutra fez a citação só como pretexto para requerer explicações claras sobre o que aconteceu com o pacote, levado pelo ministro, com o mesmo discurso, em setembro do ano passado.

Malan disse que não viu o filme e duvidou que alguém de 6 anos se interesse por economia.

Na verdade, tratava-se de uma licença poética do senador do PT, tribuno irônico e inteligente, e que no caso tinha toda a razão. A única resposta correta é que o Governo errou. Deveria ter levado a cabo todas as decisões dolorosas que incluiu no pacote do ano passado. Ao não fazê-lo, ao se convencer de que o perigo passara, montou o cenário para apresentar agora o Pacote II.

Dutra não ficaria satisfeito com a resposta, mesmo que fosse uma admissão de erro. Nada jamais satisfaz o PT, nem mesmo quando seus militantes assumem governos. E foi com essa irredenta vocação oposicionista que o próprio PT inviabilizou o governo de Vitor Buaz no Espírito Santo.

Tomara que ambos – Governo e oposição – aprendam com os seus erros. O do Governo foi achar que a guerra estava ganha tão logo o capital oportunista começou a encher os cofres do Banco Central. O da oposição é o de jamais entender que existem limites à ação de um Estado responsável.

Buaz, empurrado por suas promessas de palanque, começou o Governo dando um aumento salarial. Depois descobriu que a folha do Espírito Santo continha absurdos e privilégios, dos quais jamais conseguiu se livrar — em parte devido à oposição da bancada de seu próprio partido. Chega ao fim do governo usando 95% da arrecadação para pagar salários. Uma máquina autofágica.

Nas quase cinco horas em que ficou sentado no Senado, respondendo a perguntas, o ministro fez tão bem o jogo de gentilezas da Casa que, em determinado momento, alguém o chamou de senador. E reagiu com bom humor quando o senador Dutra leu trecho de uma declaração feita em 84 pelo senador Fernando Henrique Cardoso criticando o Fundo Monetário Internacional. Poderia, também, ter socorrido a memória devastada da oposição.

O senador Eduardo Suplicy, por exemplo, exibiu o colapso de suas lembranças quando subiu à tribuna para pedir desvalorização cambial. Deve ter-se esquecido de como todos os que eram oposição no começo dos anos 80 criticaram as desvalorizações, que enriqueceram exportadores e empobreceram o povo. Elas produziram recessão, empurraram desempre-

gados para a invasão de supermercados em São Paulo e forjaram superávits comerciais para o pagamento de dívidas. O senador tratou os velhos superávits como prova de vigor da economia, quando eram, sabia-se na época, sintoma da doença recessiva. Deve ter se esquecido de que o adversário daquela época era o então ministro Delfim Netto. Hoje Delfim e economistas de oposição falam a mes-

ma língua.

— O pacote do FMI é para salvar os ricos que estão lá fora.

Quem disse esta frase? Lula? Olívio? José Dirceu? Poderia ter sido qualquer um deles, mas foi Delfim Netto, com sua inigualável amnésia em relação à própria biografia. Ele a disse ontem numa entrevista de rádio, mas é só mais uma da coleção do surpreendente Delfim. O que faz

Marcelo



o senador Suplicy estar na companhia de banqueiros comprados em dólar, da Fiesp, dos exportadores que tentam aumentar suas receitas? O ministro lhe lembrou que a elevação do dólar provoca queda de salário real. O que faz o senador da renda mínima na defesa da queda do salário?

Pedro Piva, ao menos, fez de forma mais coerente o seu papel. Apresentou os pedidos da Fiesp, dirigida pelo seu filho. Quis incentivos e subsídios à indústria. Ouviu como resposta que nos outros países onde incentivos existem, eles estão expressos no orçamento, votados pela sociedade que sabe e aprova. São transparentes.

— Subsídios velados, decididos pelo Governo, como no passado, são inaceitáveis.

É normal que nestes momentos como o da ida do ministro ao plenário, os senadores façam o seu papel. Em geral eles mais discursam do que perguntam. O importante é constarem suas declarações, seus protestos, sua participação, nas notas taquigráficas e nas câmaras da TV Senado. Eles se alongam na argumentação até que o presidente da mesa avise que o tempo está esgotado. Na visão do jornalista, são dispersivos. Na visão de quem não conhece o ritual, parecem agressivos, mesmo quando governistas.

O erro mais revelador do desconhecimento de como funciona o Congresso é tomar aqueles discursos acalorados como antecipações de votos. O mercado, que não enxerga um palmo adiante do pregão, viu com apreensão o bombardeio sobre o ministro. Malan, imperturbável, seguia respondendo aos ataques com gentilezas e dados.

A Câmara, mais populosa e anárquica, vai reprisar críticas e protestos na próxima quarta-feira e certamente alguns tons acima. O Parlamento tem várias funções: é palco, é local de desabafo, centro de debate, ponto de negociação, representação de grupos de interesse, órgão de decisão pelo mais correto dos instrumentos: o voto.

O Governo tem folgada maioria nas duas casas. Aprovar emenda constitucional sempre será difícil. Nestas medidas, no entanto, haverá projetos de lei ordinária, lei complementar e MPs que exigem menos votos a favor.

Mas o barulho feito nas últimas horas, e que será repetido nas próximas, não é prenúncio de derrota do Governo. É parte do saudável ritual da democracia.

Nas próximas semanas e meses haverá momentos de tensão e dificuldade na negociação com o Congresso. Muitas declarações teatrais de grupos que querem mais espaço no Governo, na Aliança, na mídia. Muitas idéias alternativas, com defeitos e virtudes.

Condições numéricas para vencer no final, o Governo tem. Mas, antes da última cena, haverá muita ação. O mercado vai achar, a cada movimento, que está tudo perdido. As cotações vão refletir o nervosismo ignorante do mercado. Mas tudo está no roteiro da democracia, um filme que nunca me cansa, por mais que o reveja.

MIRIAM LEITÃO é colunista de economia do GLOBO.